

cR | Centro
de Referência
Paulo Freire



Instituto Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo do
Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org

gratuito, excesivo, como todo o gratuito. Xesús sabe que o amor é máis importante que a mesma esmola, pois esta pode chegar a ser mesmo expresión dun *egoísmo fino*. E Xesús déixase querer. Novamente, o Mestre manifesta a tenrura e o amor de Deus, que está por riba de calquera razoamento, por moi concluínte que poida parecer; e, certamente, as críticas ó xesto dilapidador da muller de Betania eran racionalmente bastante concluíntes. Pero Xesús manifesta a *loucura* de Deus que souberon captar tan ben os místicos.

En fin, Xesús defenderá a dignidade das mulleres na polémica sobre o divorcio (10,1-10). Fronte á dureza do corazón egoísta e machista dos fariseos, Xesús manifesta nesta polémica unha clara sensibilidade cara á realidade feminina e verbo dos dereitos da muller. Non se esqueza que na lei xudía eran os homes os que tiñan unha gran facilidade para darlle ás mulleres a acta de repudio, pero non así estas respecto dos seus maridos.

Finalmente, o evanxalista aprenderá ben a lección e verá que é lóxico que as mulleres que souberon ser fieis ó Mestre ata a cruz (15,40-41) sexan as primeiras en atoparse co Resucitado (16,1-8). Desta maneira, as mulleres acaban converténdose, no Evanxeo de Marcos, no modelo do discípulo fiel, que segue ó Mestre ata identificarse con el, que supera tódolos límites que a vida e a morte queren poñerlle ó amor entregado e gratuito, e que finalmente descubren a forza da Vida, a forza do Amor máis forte que a morte. Descubren a realidade do Deus da Vida e do Amor. Elas comprenderon mellor que ninguén cómo Xesús de Nazaret manifestou que o amor integral necesita harmonizar *animus* e *anima*, vigor e tenrura, forza e sensibilidade, agresividade e vulnerabilidade, para ser completamente humano.

Victorino PÉREZ PRIETO

Paulo Freire e todos nós

Algumas lembranças sobre sua vida e seu pensamento

Por Carlos RODRIGUES BRANDÃO

Ao lado da coragem de lutar, precisamos inventar a coragem de amar

Paulo Freire

Um rosto, alguns gestos. Lembranças

Quando foi ficando mais velho, os cabelos rarearam e foram crescendo mais brancos, até embranquecerem de uma vez. A barba, antes mais curta, negra, dura, foi ficando, como o rosto e o olhar, mais longa, mais obediente ao vento, mais suave.

Mas a vida inteira ele conservou um mesmo gesto: olhar no rosto do outro de frente, os olhos entre doces e duros, e fazer uma pergunta, como quem está sempre amorosamente interrogando e esperando uma resposta de uma conversa sem fim. Era pernambucano, mas gostava de usar o *tu*, como os maranhenses mais ao Norte, ou os do Pará, mais ainda. Como os gaúchos no Extremo-Sul.

Então ele olhava de frente, meio sério, meio risonho e começava a falar assim: "Então tu... tu crês, Carlos...?", e fazia a pergunta. Os espíritos diriam que "o espírito de Sócrates baixava nele". Até poderia ser...

Mas que não se imagine um homem sisudo, circunspecto. Uma dessas pessoas que depois de haverem feito um bom trabalho, uma obra de grande importância, assumem para o resto da vida um ar de quem nunca mais pode sorrir. De quem não pode mais tomar um copo de cerveja perguntando pelo resultado do "jogo de ontem". De quem não pode, enfim, conviver generosamente com o mistério nunca resolvido das pessoas comuns.

Lembro-me de uma vez. Voltávamos juntos da Nicarágua. Vínhamos de um inesquecível encontro de Educação Popular em solidariedade com o povo nicaraguense. Alguns familiares o esperavam no aeroporto em São Paulo. Depois de abraçá-los e logo que entramos todos no carro, a primeira coisa que ele quis saber era a síntese da "novela das oito", que perdera por uma semana.

Gostava muito de estar com as pessoas amigas em volta da mesa. Um bom bar, um restaurante sem hora marcada, seriam bem uma boa oficina de seu trabalho. Comia bastante e gostava de comer com alegria. Era um bom contador de casos e, à medida em que envelhecia, foi aumentando bastante o desejo de narrar em voz alta as saudades dos tempos em que viveu no Nordeste. Nunca bebia muito, mas era preciso estar muito doente para deixar de lado um bom "gole da cachaça", antes ou durante o almoço ou o jantar.

Quando no ano passado nos chegou pelo telefone a notícia de sua morte, fomos até a pequenina capela ecumênica nos altos da Rosa dos Ventos, a chácara que comparto com amigos nas montanhas do Sul de Minas. Levamos alguns dos seus livros e lemos, aqui e ali, algumas passagens. Os que conviveram com ele rememoram instantes de sua vida. Levei junto um cálice de boa "pinga". À moda do povo que ele sempre amou tanto, derramei um pouquinho no chão e coloquei o copo sobre o altar, entre uma bíblia e uma vela. Disse a ele e a todos os que estavam ali, num círculo de companheiros, como ele sempre gostou que fosse: "O resto é seu, pode tomar". Tomamos juntos.

Certa vez em Buenos Aires

Foi em algum mês da década de 80. Uma difícil redemocratização da Argentina, do Chile e do Brasil andava em curso, com ritmos e histórias ora próximas, ora diferentes.

246/22

Havíamos ido a Buenos Aires, os integrantes da coordenação do Conselho de Educação de Adultos da América Latina, para preparar uma próxima Conferência Internacional. Estávamos reunidos em um hotel bem no centro da cidade.

Ao final dos trabalhos do primeiro dia, Pancho Vio Grossi chamou-se e pediu-me que falasse a Paulo sobre uma cerimônia pública prevista para o dia seguinte no Teatro San Martín. Ela não estava em nossa agenda breve de trabalhos de equipe, e foi resolvida pelos argentinos sem a nossa consulta. Quando disse a Paulo a idéia de uma pequena palestra dele a um público de educadores argentinos, a sua primeira resposta foi uma eloquente recusa. Ele não havia vindo para "aquilo" e não estava preparado. Devolvi a chilenos e argentinos a sua resposta e houve um momento de quase pânico entre os companheiros de equipe. A conferência de Paulo Freire havia já sido anunciada no rádio e na TV. Estimavam-se mais de duas mil pessoas no teatro. Seria uma primeira grande cerimônia pública democrática, depois de tantos anos. Acordamos em que comporíamos uma mesa e ele falaria apenas uns 10 minutos. Voltei a ele com a segunda sugestão. Ele concordou sem problemas, mas insistiu nos "dez minutos". Nenhum mais.

Quando chegamos à noite ao Teatro San Martín, encontramos bem mais do que o número previsto de pessoas à espera. Foi difícil comportar todas as assistentes, e alguns educadores que vieram de longe ficaram de fora. No palco, felizes e assustados, falamos cada um não mais do que uns cinco minutos, inclusive Pérez Esquivel, que meses antes ganhara o Nobel da Paz.

Quando a palavra foi dada a Paulo, ele saudou amorosamente a todos os presentes. Lembrou que fazia 13 anos que não vinha à Argentina. Anunciou uma breve "fala de 10 minutos". Criou ali, sem esboço algum escrito de antemão, um "código ético do educador". Tocou-nos a todos profundamente e, entre a palestra e a atenta resposta a perguntas, falou cerca de hora e meia. Tempos mais tarde o CEAAL publicou um texto com a palestra.

Os anos sessenta no Brasil: a cultura popular, Paulo Freire

Paulo Freire é um pensador de uma transbordante criatividade. Olhados no conjunto do campo das idéias de seu tempo, os seus escritos, a proposta de seu sistema de educação e o seu método de alfabetização, possuem a qualidade do novo e do perenemente consistente, como a proposta que uma vez estabelecida renova tudo à sua volta e perdura. Trabalhando como o

247/23

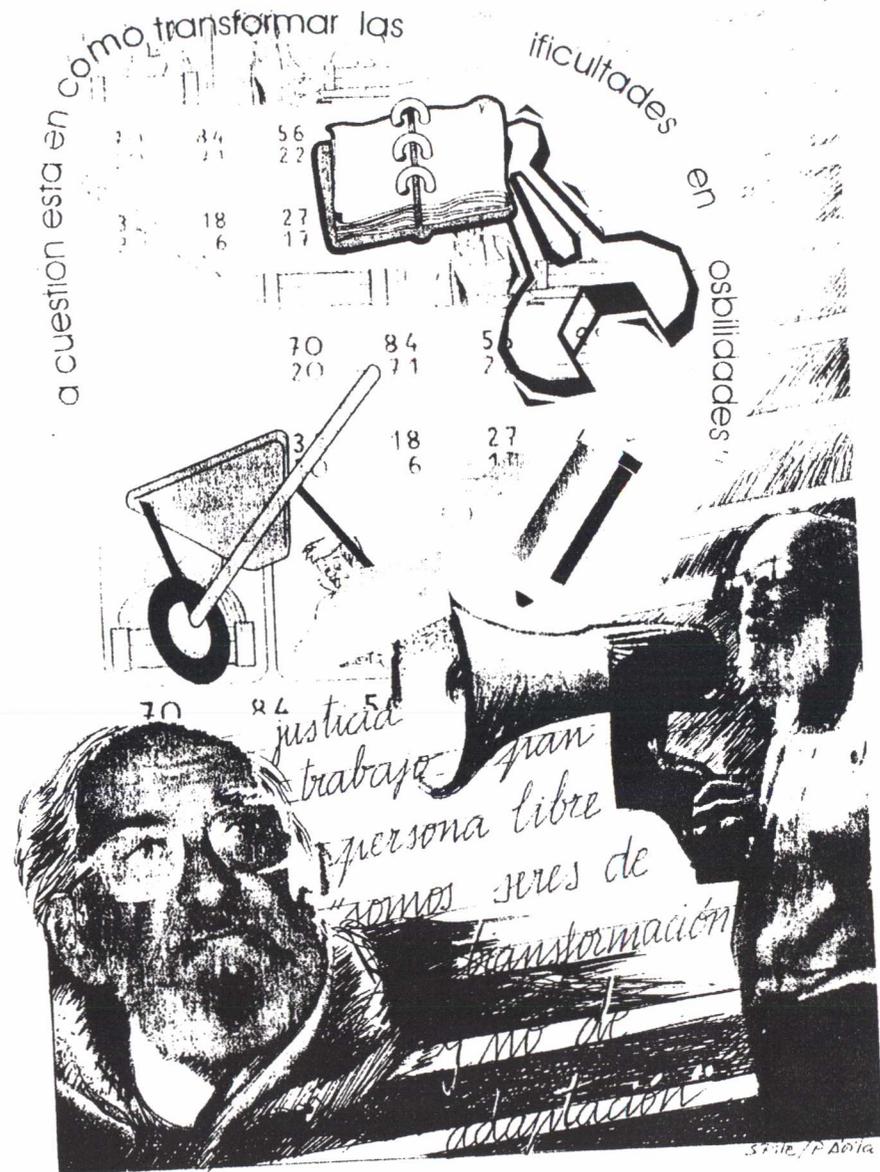
educador de seu tempo (e este reconhecimento é muito forte em todos os seus gestos, em toda a sua obra), ele nos legou um tipo de pensamento sobre a pessoa humana, sobre a política das relações sociais, sobre a dimensão cultural desta política e sobre o ofício do educador, que certamente haverá de atravessar vários tempos de nossa história, e de outras. Outros povos, outras eras.

Mas é importante não estabelecer a seu respeito a visão errada que ele próprio não quis ter sobre o seu testemunho e o de seu trabalho. Ele viveu a sua presença política, ele praticou a sua educação, ele escreveu sobre ela e o seu destino, como uma espécie de criativa e crítica "mente de síntese" de um círculo de idéias e de ações à volta da cultura e da educação, de que estava empapado o seu mundo mais próximo de trabalho. De alguma maneira, ele foi a melhor síntese de todos nós. Por isso, ontem como hoje, companheiros de caminho e herdeiros do horizonte de Paulo Freire, mas do que apenas compreende-lo como um pensador da educação, nós nos reconhecemos educadores nele. Educadores da América Latina e de outros continentes, que um dia nos sentimos identificados com o que ele próprio tardiamente veio a chamar de *educação popular*, somos todos seus herdeiros. Mas, é preciso corrigir logo esta frase escapada. Somos todos herdeiros da herança que criamos juntos e que ele compartiu conosco, assumindo o encargo de pensá-la e escrevê-la com a melhor transparência.

Alguns anos depois dos anos 60, quando uma *teologia da libertação* surge e se difunde, primeiro na América Latina e, mais tarde, dela para fora, não será difícil reconhecer nela a presença das idéias de Paulo Freire. Em *Educación Popular y Teología de la Liberación*, Matthias Preiswerk, um pastor metodista radicado na Bolívia, contará esta história.¹ No entanto, se teólogos e militantes cristãos dos anos 60 e 70 buscam em Paulo Freire uma de suas fontes mais fecundas para pensar uma prática popular, não terá sido porque, antes deles, o próprio Paulo esteve buscando em uma neo-tradição cristã algumas das origens de suas próprias propostas para uma ação conscientizadora, logo, libertadora?

De resto, é bastante fácil observar como dos primeiros anos após os seus primeiros escritos, até hoje, as suas idéias são bastante mais encontradas entre educadores e outras pessoas de pensamento e ação populares de vida cristã, ou vizinha ao cristianismo, do que entre educadores e militantes filiados a duas posições próximas, mas de maneira alguma convergentes.

¹ O livro existe em espanhol, publicado pela Editorial DEI, do Departamento Euménico de Investigaciones de San José, na Costa Rica.



De um lado, alguns praticantes de extrema esquerda, para quem Paulo Freire e todo o movimento de educação popular serão considerados como ativistas culturalistas e idealistas, não solidamente instalados em um sistema de teoria e prática definidamente socialista (isto é, comunista, de acordo com algum dos modelos partidários vigentes hoje e na ocasião). De outro lado, educadores de perfil social-democrata, ou cristãos conservadores, para quem as propostas de Paulo Freire colocam em perigo, pela sua radicalidade, uma sã e consagrada “doutrina social da igreja”.²

Recordemos alguns fatos.

Entre meados dos anos 50 e os começos dos anos 60 –intensamente turbulentos até 64 e desastrosos daí em diante, no Brasil– o cristianismo e, especialmente, a igreja católica, dão um salto rápido. Um salto de um imaginário de fé centrado no indivíduo e na salvação individual, para uma fé centrada na pessoa. Centrada em uma salvação tornada solidariamente coletiva e em um progressivo compromisso “com o social”. Eram os tempos da Ação Católica e de seus avanços rápidos. Tempos depois e antes das grandes encíclicas sociais. Tempos das primícias do Vaticano Segundo. A era dos padres operários. De uma nova descoberta do outro.

No Brasil, aquele foi, em pouco tempo, o momento de uma passagem da caridade assistencial ao pobre, para um serviço solidariamente social junto ao povo. Uma mudança que se tornou, para muitos e muitos de nós, a passagem do “compromisso social” a “consciência política da questão social”. A uma minoria crescente de cristãos (“cristãos engajados”, “cristãos socialistas”, para nós; “cristãos de esquerda”, “comunistas cristãos”, para outros), uma leitura radical do Evangelho apontava para uma disposição a um envolvimento com a construção do Reino de Deus desde agora e, precisamente, aqui na Terra. No Reino dos pobres e dos deserdados. Dos chamados a serem, por isto mesmo, protagonistas da construção libertadora de um Mundo Novo, desde o lugar social do Novo Mundo.

No alvorecer dos anos 60, passamos depressa de autores cristãos “de espiritualidade”, para pessoas –quase todos franceses– como Teilhard de Chardin, Mounier, Lebret. Tivemos que aprender a ler Marx, Lenin e, mais tarde, Mao Ze Dong, mesmo que fosse com os olhos e os óculos de cristãos.

² É importante ressaltar que mesmo durante os anos 60 e 70, alguns outros educadores e pensadores da educação, no Brasil, faziam a crítica a Paulo Freire e a toda a proposta de educação popular fundada em suas idéias. Uma das pessoas mais importantes neste período é Vanilda Paiva. Toda a sua obra pode ser consultada com proveito. Ressalto *Educação Popular e Educação de Adultos - contribuição à história da educação brasileira*. Edições Loyola, São Paulo, 1973.

De católicos e de protestantes conscientes de que também a nós tocava a tarefa de construir, aqui na Terra, a comunidade socialista. A comunidade universal socialista sem a qual a edificação terrena do Reino das promessas do Cristo continuaria a ser a ilusão de uma história mal praticada, depois de tantos séculos.³

Aqueles foram tempos de um arriscado e profético ecumenismo. Falava-se em “frente ampla”. Entre os seus críticos e os seus praticantes, ela era a aliança entre cristãos da Ação Católica (o a, e, i, o, u da AC, JECA, JIA, IOC e JUCÁ de então) e os grupos de militantes comunistas com quem compúnhamos uma proposta de transformação social através de uma ampla ação revolucionária. Poucos anos antes do golpe militar de 1964, alguns cristãos de Ação Católica criariam a Ação Popular. Poucos anos mais tarde este partido popular de cristãos militantes viria a se tornar uma agremiação radicalmente revolucionária, sobre a qual a repressão policial-militar estenderia o seu braço de ferro e fogo.⁴ Religiosos de vários pontos do país estiveram intensamente envolvidos em todo este processo.

Em uma direção próxima, a própria hierarquia da Igreja criaria movimentos locais e, depois, nacionais de trabalho popular através da educação. O Movimento de Educação de Base viria a ser, em pouco tempo, após 1960, uma das mais importantes experiências de educação popular em todo o país.

Paulo Freire não havia sido, como tantos de nós, um “militante de Ação Católica”. Ele nunca esteve vinculado a um *movimento de cultura popular* confessadamente cristão. Havia cristãos militantes em sua primeira equipe de educadores no Recife e, depois, em Pernambuco. Nos documentos pioneiros produzidos pela primeira equipe de trabalhos com o *Método Paulo Freire*, o nome e o testemunho de Jesus Cristo não serão esquecidos.⁵

³ O próprio autor destas linhas pode ser tomado como um razoável exemplo. Sou um leitor e um adepto das idéias de Teilhard de Chardin. Nos últimos anos da década de 60 uma de minhas tarefas políticas era a tradução de obras de Mao Ze Dong do espanhol para o português. Textos mimeografados com urgência, a serem levados aos camponeses do Norte de Goiás por militantes revolucionários da Ação Popular.

⁴ Aldo Arantes, um dos mais expressivos militantes da Juventude Universitária Católica (JUC) e, depois, da Ação Popular (AP), converteu-se mais tarde ao Partido Comunista do Brasil (PC do B). Ele é hoje deputado Federal por Goiás, pela legenda de seu partido. Seu livro, escrito juntamente com Haroldo Lima, pode ser lido com proveito: *História da Ação Popular - da JUC ao PC do B*, Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1984.

⁵ Trata-se de documentos de um grande valor. Foram originalmente reunidos na revista *Estudos Universitários*, da Universidade Federal de Pernambuco. Podem ser hoje encontrados em um

Ora, para os cristãos (católicos e, em menor proporção, evangélicos protestantes), as idéias de Paulo Freire foram, então, inteiramente compatíveis com o que considerávamos naqueles tempos como uma alternativa cristã de transformação social, de participação popular protagônica nesta transformação e, finalmente, de consolidação de uma sociedade que os mais moderados chamariam de *solidária* e, os mais radicais, de francamente *socialista*.⁶ E quais os princípios de uma tão oportuna adequação? Quais as idéias essenciais que fizeram do *Sistema Paulo Freire* uma teoria de pensamento sobre as relações homem-cultura-sociedade-educação e uma proposta de ação política de teor pedagógico através da prática da educação, tão consistentemente aceitas e, até hoje, tão vigentes e fecundamente criativas entre educadores e outros militantes e profissionais cristãos e não-cristãos em toda a América Latina e em tantos outros recantos do Mundo?

Consciência, diálogo, partilha, participação, libertação: o reino do bem é uma construção do homem

As idéias essenciais do pensamento de Paulo Freire são bastante conhecidas. Façamos aqui apenas uma breve síntese do que é mais importante.

A consciência humana é uma construção

Em um poema cujos nome e página fico devendo ao leitor, T. S. Eliot pergunta mais ou menos o seguinte: "O que é que perde o conhecimento com a informação? e o que é que perde a consciência com o conhecimento?". Paulo nunca o citou, mas assinaria em baixo. O conhecimento é humanamente acumulativo, mas a consciência crítica de si-mesmo, do outro e do mundo, é criativamente integrativa. Ela não se constrói pessoalmente, na passagem de dimensões menos autônomas para outras, mais autônomas, através do exercício de vivências (gestos e atos sociais) quaisquer e de

excelente trabalho de recopilação, editado por Osmar Fávero: *Cultura Popular e Educação Popular: memória dos anos 60*, Graal Editora, Rio de Janeiro, 1982.

⁶ Uma polarização entre próximos, divergentes, colocava de um lado os cristãos (católicos em imensa maioria) afiliados ao *solidarismo cristão* e, do outro, os cristãos (idem) militantes de posições progressivamente socialistas. Enquanto nos anos 60 é fundado no Rio de Janeiro um Movimento Solidarista Universitário, vários estudantes católicos integrantes da JUC irão participar da fundação da Ação Popular cujas proposições políticas irão tomar-se extremas a partir do golpe militar de 1964.

qualquer tipo de conhecimento. É a qualidade das trocas de ações e de idéias o que responde pela maneira como cada pessoa constrói a sua própria consciência.

Ora, da pequena unidade familiar do grupo doméstico até toda uma nação, existem estruturas de relacionamentos sociais que estabelecem formas motivadas de construção de consciências críticas, ou de seu oposto, consciências alienadas (deixemos que fique aqui esta palavra tão cara e comum entre nós, nos anos 60).

Uma educação bancária, dirigida à reprodução de pessoas não conscientes da realidade efetiva do mundo em que vivem, pode e deve ser substituída por um modelo de educação *crítica, liberadora, libertadora, conscientizadora*. Uma nova educação por meio da qual, ao lado de aprender a ler adequadamente palavras, os educandos aprendam a ler criticamente, com elas e com as idéias a que elas apontam, o universo social de suas vivências. Apenas uma educação com estes propósitos pode ser considerada como uma verdadeira *educação*.

Diálogo

O diálogo não é apenas uma estratégia, uma qualidade de método de trabalho pedagógico. Ele é aquilo em que todo o processo de ensinar-e-aprender deve se converter. Deve se reconverter para constituir uma experiência de educação humanamente libertadora.

A própria essência das relações entre nós, seres humanos, e o mundo natural, se estabelece através de diversas formas de diálogo. Somente em condições desumanas de trocas de bens, de trocas de serviços e de trocas de significados entre as pessoas, é que o diálogo, com tudo o que ele implica, é negado como uma forma de comunicação.

Não é somente com conteúdos cientificamente críticos que uma educação conscientizadora se realiza. Na verdade, o educador deve se apropriar de diferentes conteúdos pedagógicos, filosóficos, científicos, artísticos, etc., para colocar significados da vida em *situações de diálogo*.

Este é o sentido de uma troca pedagógica que Paulo Freire re-propõe de uma maneira excelente. Tudo são, no fundo, trocas. Misturam-se as pessoas e as idéias, misturam-se os gestos e intenções, misturam-se os papéis e todo o educador é também um educando, e todo educando um educador. As relações tradicionais, verticais, hierárquicas, são trocadas por relacionamentos horizontais, igualitários. Pois em todo o ser humano há um

saber cujo valor não é comparável valorativamente com outros, mas é solidariamente uma fração pessoal da partilha de uma construção coletiva de conhecimento. O *círculo de cultura* que Paulo sugere substituir a rotina formal da sala-de-aulas é a sua melhor imagem.

Partilha

O que inicialmente é pensado para a esfera muito particular da educação, deve ser depois estendido a toda a experiência de participação das pessoas na cultura.

Pois uma idéia em que Paulo Freire se aproxima profeticamente da melhor antropologia atual, é a de que, tal como entre as pessoas, também entre as culturas humanas não existem diferenças de qualidade através das quais se possa atribuir a umas um valor superior ao atribuído a outras. Cada cultura é uma original e insubstituível experiência humana de vida e troca. De igual maneira, todas as experiências culturais de uma mesma nação possuem um mesmo valor humano. O mesmo vale para todo o Planeta.

Em um país pluri-étnico como o Brasil, por exemplo, culturas indígenas, negras, mestiças, camponesas possuem, cada uma dela, um valor em si de qualidade insubstituível. Trabalhar pedagógica e politicamente no interior de uma *outra cultura*, não significa intervir nela para transformá-la segundo o *meu modelo*. Significa, ao contrário, reconstruí-la plenamente segundo os seus próprios padrões. *Desaliená-la*, obriga o educador ou o agente cultural a extraírem dela tudo o que lhe foi imposto por outros e, ao longo de sua história de submissões, a tornou de autônoma em autômata.

Uma pessoa consciente é um alguém integrado plenamente em sua própria identidade. Em sua peculiar maneira de ser e de viver. Uma sociedade efetivamente democrática extingue as desigualdades sociais estabelecidas ao longo de uma história de expropriações violentas e apropriações injustas, na mesma medida em que afirma a plena possibilidade da convivência e da partilha de pessoas diferentes em uma mesma cultura. A possibilidade plena da convivência e da partilha de diferentes culturas em uma mesma vida social.

Participação

Desde os primeiros tempos, sempre a idéia de *conscientização* vinha, em Paulo Freire e em todos nós, associada a duas outras palavras que a

completavam, trazendo uma categoria mais psicológica a uma dimensão de fato social, onde ela deveria se realizar inteira e relacionalmente. As duas palavras eram: *participação* e *mobilização*.

Poucos dias antes de sua morte, assim como em seus dois últimos livros (ver relação ao final), Paulo repetia uma fórmula que cunhou em seus primeiros escritos e que o acompanhou por toda a vida. Todo o gesto humano possui uma dimensão política. Todo o gesto pedagógico (isto é: tudo o que acontece no âmbito da educação, dentro e fora da sala de aulas) é também um gesto essencialmente político. Uma educação que se pretende *neutra* é uma educação que em sua neutralidade pretendida afirma politicamente a sua posição anti-crítica e não-conscientizadora.

Uma *educação libertadora* (a expressão *educação popular* é tardia em Paulo Freire) conduz o educando conscientizado (conscientizando-se sempre, seria melhor dizer) a uma inevitável participação no processo social de transformação política da cultura e da sociedade. Isto é o mesmo que dizer que a principal tarefa de uma educação humanizadora é realizar o trânsito do sujeito econômico para o ator político.

E devem ser justamente as pessoas do povo estes atores essenciais. As pessoas até aqui econômica, social e politicamente marginalizadas até então, são justamente aquelas que devem responder pelo processo histórico de participação no trabalho protagônico de transformação social. Eis como pensar com amor político, nos termos de Paulo Freire, o Sermão da Montanha.

As idéias não transformam o Mundo. As idéias transformam as pessoas. As pessoas transformam o Mundo. A história do processo político de multiplicação da injustiça, da arbitrariedade e da desigualdade, pode transformar-se na história plenamente humana de construção de um Mundo justo, igualitário e solidário.

Uma das dimensões sociais deste trabalho de todos nós, é a da *cultura*, a *dimensão cultural da realidade*. *Culturas populares* foram e seguem sendo, em sociedades desiguais, mantidas fora do projeto político de construção da vida social. Uma *educação libertadora*, ao conscientizar pessoas de tais culturas, trabalha no sentido de tornar as suas próprias culturas transparentes para si mesmas. Isto equivale a tornar círculos culturais convergentes em lugares de trabalho político de transformação social. Eis o que costumávamos chamar, entre os anos 60, um trabalho político e pedagógico de *cultura popular*. Hoje em dia isto pode parecer um mero jogo de palavras. Mas na aurora do pensamento de Paulo Freire, *fazer*

cultura popular era trabalhar como um educador sobre a cultura, de forma a transformá-la de *alienada* em *popular*. Uma cultura própria do povo, desvinculada, purificada de elementos estranhos a ela mesma. Com e como as pessoas, seus sujeitos, as culturas dos povos podiam ser motivadamente transformadas. Eis o sentido em que, durante os anos 60 e 70, realizar um trabalho de *educação popular*, equivalia a atuar politicamente, como um educador, no campo da cultura, através de um processo de *cultura popular*.

Libertação

Pois não era menos do que tudo isto o papel do educador, tal como pensado por Paulo Freire. Um pensador consciente e um agente profissional envolvido em um trabalho político –revolucionário mesmo– de transformação social através da *cultura, tornado possível*, concretamente, por meio do exercício de um novo modelo de *educação*.

A afirmação dos direitos de qualquer pessoa a participar de maneira cidadã na história política de recriação de seu próprio mundo social, não era novidade alguma ao tempo em que Paulo Freire e sua equipe começaram a escrever os seus primeiros trabalhos como educadores.

Mas o lugar dado à educação em todo este cenário dá trocas e de ações políticas, possui uma novidade não esgotada até hoje. Mais ainda, isto vale para a maneira como Paulo Freire redesenhou todo o significado da educação para fazê-la corresponder a um instrumento efetivo de participação de todas as pessoas na criação de um mundo mais fraterno.

Depois dele, mesmo um professor rural que ensine a uma pequena turma de meninas e meninos camponeses as primeiras regras da tabuada, sabe que está trocando com os seus alunos (seus educandos-educadores, diria Paulo) as primeiras idéias de uma contabilidade cujo primeiro teste pode estar na prova da semana que vem. Mas cujos passos mais adiante, podem estar na sabedoria de integrar os números na história e toda a história da humanidade em uma vida fraternalmente plena e feliz.

Paulo Freire: presente

Morto no dia 2 de maio do ano de 1997, Paulo Freire está presente entre todos nós com a mesma força dos tempos em que tinha cabelos e barba de cor escura e ensaiava no Nordeste de sua terra os seus primeiros escritos.

Suas idéias, suas propostas e seus métodos de trabalhos estendem-se. Com um grande vigor hei-los sendo repensados e reexperimentados agora em quase todos os quadrantes do Planeta. Dificilmente um educador moderno terá semeado idéias tão criticamente fecundas. Pensadas e propostas para um momento de urgência, elas ganharam uma perenidade espantosa. Há razões de sobra para tanto.

Menos de um ano antes de sua morte prematura, o Instituto Paulo Freire editou um grande livro. *Paulo Freire, uma biobibliografia*, contou com o apoio da UNESCO e reúne o essencial de seu pensamento, assim como uma série oportuna e completa de depoimentos a respeito de sua pessoa e de toda a sua obra.

O mesmo Instituto preparou para abril de 1998 um grande *Fórum Intemacional Paulo Freire*, em São Paulo.

Em sua mesa de trabalhos Paulo deixou, incompleta, uma carta. Deixemos que a sua leitura complete este depoimento sobre suas idéias.

[...] Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Se nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos, amorosos da vida e dos outros.⁷

Carlos RODRIGUES BRANDÃO

⁷ Folha de São Paulo, edição de 4 de maio de 1997, página 10.

Bibliografia: escritos e livros de Paulo Freire publicados até a sua morte em maio de 1997.

Livros publicados no Brasil

- *Educação e Atualidade Brasileira*, Recife, Imprensa Universitaria, 1961. Tese de concurso público para a cadeira de Historia da Educação de Belas Artes de Pernambuco.
- *A propósito de uma Administração*, Recife, Imprensa Universitaria, 1961.
- *Livros de Exercícios nº 1, 2 e 3*, Recife, s.n.d., 1961.
- *Primeiro Livro do Monitor*, Recife, s.n.d., 1961.
- *Alfabetização e Conscientização*, Porto Alegre, Editora Emma, 1963.
- *Educação como Prática da Liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- *Extensão ou Comunicação*, Rio de Janeiro, 1998 (publicado no Chile em 1996).
- *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.
- *Ação para a Liberdade e outros Escritos*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- *Educação e Mudança*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981 (publicado na Argentina em 1976).
- *Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma Experiência em Processo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- *Conscientização. Uma introdução ao Pensamento de Paulo Freire*, São Paulo, Loyola, 1979.
- *Consciência e Historia: a Praxis Educativa de Paulo Freire (antologia)*, São Paulo, Moraes, 1980.
- *Ideologia e Educação: Reflexões sobre a Não-Neutralidade da Educação*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- *A importância do Ato de Ler*, São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1982.
- *Sobre a Educação (Diálogos)*, vol. 1, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982 (com Sérgio Guimarães).
- *Educação Popular*, Lins-SP, Todos Irmãos, 1982.
- *Aprendo com a Própria História*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- *A Educação na cidade*, São Paulo, Cortez, 1991.

- *Pedagogia da Esperança: Un Reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- *Professora Sim, Tia Não: Cartas a quem ousa ensinar*, São Paulo, Olho D'agua, 1993.
- *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários para a prática educativa*, Rio de Janeiro, 1997.

Livros em parceria com outros autores:

- *Vivendo e Aprendendo* (com Gaudius Ceccon, Rosiska Darcy de Oliveira e Miguel Darcy de Oliveira), São Paulo, Brasiliense, 1980.
 - *Paulo Freire ao vivo* (com professores alunos da Faculdade de Ciências e Letras de Sorocaba), São Paulo, Loyola, 1993.
 - *Essa Escola chamada viva* (com Frei Betto), São Paulo, Ática, 1985.
 - *Por uma Pedagogia da Pergunta* (com Antonio Faundez), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
 - *Pedagogia: Diálogo e conflito* (com Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães), São Paulo, Cortez, 1985.
 - *Fazer Escola Conhecendo a Vida* (com Adriano Nogueira e Debora Mazza), Campinas-SP, Papirus, 1986.
 - *Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra* (com Donaldo Macedo), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
 - *Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor* (com Ira Shor), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
 - *Na Escola que fazemos... Uma Reflexão Interdisciplinar em Educação Popular* (com Adriano Nogueira e Debora Mazza), Petrópolis, Vozes, 1989.
 - *Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular* (com Adriano Nogueira), Petrópolis, Vozes, 1989.
 - *Disciplina na Escola: Autoridade versus Autoritarismo* (com Arlete D'Antola), São Paulo, Cortez, 1989.
 - *Educação con Ato Político Partidario* (com Alberto Damasceno e Lisete Regina Gomes Arelano) São Paulo, Cortez, 1989.
 - *Paulo Freire: Trabalho, Comentário, Reflexão* (com Adriano Nogueira e João Wanderley Geraldi), Petrópolis-RJ, Vozes, 1990.
- Mención aparte merece un importantíssimo livro editado no ano 1996:
- *Paulo Freire - uma bibliografía*, Moacir Gadotti org., São Paulo Cortez Editora, UNESCO, Instituto Paulo Freire, 1996.